

## O MURA E A MUSA

José Arthur BOGÉA\*

**Resumo:** Esse ensaio se propõe analisar o poema épico *Muhuraida* (1875), de Henrique João Wilkens, que inaugura a literatura de língua portuguesa na Amazônia.

**Palavras-chave:** Wilkens; poesia; Muhuraida; literatura da Amazônia.

**Résumé :** Cet essai se propose d'analyser le poème épique *Muhuraida* (1875), de Henrique João Wilkens, qui inaugure la littérature de langue portugaise en Amazonie.

**Mots-clés:** Wilkens ; poésie ; Muhuraida ; littérature amazonienne.

O que se pensa quando se fala em Literatura da Amazônia? De maneira geral um relato de mitos que permeiam o cotidiano das populações ribeirinhas com o maravilhoso nativo, como o Boto ou o Curupira. Outros citariam os diários dos naturalistas Martius e Spix, Bates e Wallace. Na ficção, livros estrangeiros de aventuras como *A jangada*, de Jules Verne, ou *O mundo perdido*, de Conan Doyle. Alguns talvez nomeassem Milton Hatoum ou Márcio Sousa, entre os novos escritores que se revelam além das fronteiras da região.

Entretanto há uma tradição literária que remonta ao século XVIII, quando, segundo José Ubiratan Rosário,

Todas as manifestações culturais típicas e tradicionais da Amazônia, suas devoções, suas técnicas, sua produção, sua arte, sua dramaticidade, seu messianismo, seu lazer e suas consolações refletem essa alma conturbada e sonhadora do século XVIII que circula desde a Alemanha de Goethe até as minas de prata do Peru; desde os progressos nos ideais de justiça até o massacre dos povos da Amazônia; desde o sacrifício de Tiradentes até a presença da Inquisição na Amazônia (1987:8).

---

\* Docente da Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal do Pará e professor visitante da Rijksuniversiteit te Utrecht (NL). Autor de estudos sobre Literatura da Amazônia. In Memoriam.

Em 1785, Henrique João Wilkens (1736-1800?) instaura a poesia na Amazônia com o épico *Muhuraida*<sup>1</sup>. Um hino ao genocídio perpetrado sistematicamente contra os índios. Diz ainda Rosário que

Quase ao mesmo tempo em que Haendel compunha o Messias ocorria na Amazônia a maior tragédia dos povos indígenas ao dizimarem-se populações inteiras, fazendo desaparecer nações e culturas nativas (1987:9).

Wilkens mesmo, assim como Antonio José Landi (1708-1790), participa de alguns *descimentos* – transferência de tribos inteiras do lugar de origem para as missões religiosas. Juntos atuam, em 1755, no rio Negro. Wilkens, depois, como comandante, vai a uma expedição no rio Japurá, 1781 – última referência numa cronologia que não cita a data da morte.

O poema de Wilkens não tem grandes arroubos de heroísmo, nem paixão pelo poder ou conflito amoroso. Mais do que equilíbrio da escritura, o que se lê, na *Muhuraida*, é quase um relatório preciso, para não dizer frio, sobre os acontecimentos narrados. Não há o maravilhoso pagão dos épicos clássicos, nem o maravilhoso cristão dos poemas ocidentais, está longe dos excessos de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, que Harold Bloom considera “o poema menos politicamente correto de todos os tempos” (2003:524), nem é “um épico da paixão” (2003:86), como o mesmo crítico classifica *O Paraíso perdido*, de Milton.

O leitor atual de Camões não se liga mais nas “armas e barões assinalados” (I:1). O que sobrevive é o lírico-amoroso: Inês de Castro, o gigante Adamastor, a Ilha dos Amores e, em menor escala, o episódio da “fremosíssima Maria” que, assim como O Velho do Restelo, figuram próximos às intrigas do coração. Eros está banido da *Muhuraida*.

A Missão Guarani dos Sete Povos do Uruguai fornece a intriga para o épico de Basílio da Gama: portugueses e espanhóis *versus* jesuítas e índios, por causa das demarcações de fronteiras ao Sul do Rio Grande. O poema sobrevive pelo episódio da morte de Lindóia, no Canto IV. A índia é um referencial entre as grandes heroínas trágicas como Dido, Inês de Castro ou Moema: é a única que sobrevive ao amado. Moema, de Santa Rita Durão, também cercada por uma aura de morte, é que mantém *Caramuru* em evidência, até hoje. Na *Muhuraida*, não há nenhuma passagem lírica que coloque Wilkens ao lado dos dois outros autores brasileiros. Vale lembrar que todos eles foram publicados pela imprensa oficial do reino e escritos no século do *bon sauvage*, quando a literatura brasileira busca, por meio dos românticos, uma identidade própria, através da figura do índio. David H. Treece apresenta uma justificativa:

---

<sup>1</sup> Mantenho a grafia original, como a que consagra *O Uruguay*, poema épico de José Basílio da Gama (1740-1795).

A explicação do patrimônio romântico indianista não ter assimilado o poema deve ser buscada [...] na sua relação com os acontecimentos e o contexto histórico que o produziram, e no caráter na narração. A *Muhraida* se destaca mais obviamente pela ausência do elemento erótico, isso por si só bastaria para explicar a sua falta de interesse para os românticos, se nos lembrarmos que são Cacambo e Lindóia, Paraguaçu<sup>2</sup> e Moema os protagonistas indígenas dos episódios amorosos d'O Uruguai e Caramuru, que sobrevivem na tradição romântica, e não os sucessos políticos destas obras (1989:210).

Trece acrescenta que

a ausência do elemento amoroso, a falta, aliás, de qualquer personagem individualizada e nomeada n'A *Muhraida* aponta para um aspecto mais fundamental do tratamento que se dá ao assunto do poema: a sua preocupação básica com um contexto estreitamente local e histórico e com a conjuntura operante de forças políticas e econômicas. O Uruguai e Caramuru se destacam pelo fato de seus episódios amorosos elevarem o significado da obra em conjunto acima das limitações da vida política para um nível mítico de importância simbólica global, e eventualmente nacional (1989:210).

## I. DADOS BIOGRÁFICOS

As informações biográficas sobre Wilkens são frágeis e inconsistentes. Especialmente quanto à nacionalidade. Após a dedicatória da *Muhraida* a João Pereira Caldas, está registrada a autoria do poema “Por um Militar Português”. O também governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em carta datada de 12 de junho de 1755 ao irmão Sebastião José de Carvalho e Melo – Marquês de Pombal, o todo-poderoso primeiro-ministro de D. José I, informa a participação de Wilkens numa expedição a Mato Grosso, para demarcações das fronteiras entre os domínios de Portugal e Espanha: “O astrônomo que deve ir é o Pe. Inácio Sanmartoni e por companheiro o novo ajudante Henrique Wilkens, que é nascido e criado em Portugal” (1989:236).

Outras informações atestam “ser Wilkens estrangeiro, provavelmente inglês, como diz Sousa Viterbo que, baseado em Galuzi, dizia que ele falava, lia e escrevia aquele idioma” (1989:236). Este dado pode ser respaldado pelas aproximações da *Muhraida* com *O Paraíso perdido*, de Milton. Maior que a influência do Camões de *Os Lusíadas* em Basílio da Gama e Santa Rita Durão.

Carlos de Araújo Moreira Neto, no ensaio *Henrique João Wilkens e os índios Mura*, registra que “Poucos elementos estão presentes nas sumárias biografias de Wilkens ou dispersos nos registros históricos e nas cartas e informações oficiais do período sobre Wilkens. Limitam-se, geralmente, a registrar sua participação episódica em atividades

---

<sup>2</sup> Trece, certamente, troca Caramuru por Paraguaçu.

de natureza militar ou a serviço da comissão de limites” (1989:235). Entre outros, destaca-se documento assinado por Landi.

11 de Setembro – Fui chamado por S. Ex., o Sr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, então governador e capitão general deste Estado (do Grão Pará), o qual disse que tinha determinado mandar-me com o capitão Estevão José da Costa ao premeditado descimento, com o que mostrei-me muito satisfeito.

Estas são as palavras iniciais do *Extrato do Diário de viagem ao rio Marié em setembro de 1755 para o descimento prometido e contratado pelos dois principais Manaçari e Aduana, por Antonio José Landi*. Seguem-se os títulos do arquiteto e a observação de que este relatório foi “escrito a instâncias do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista empregado nos descobrimentos de história natural do Rio Negro” (1990:220). Seguem-se as anotações

12. No dia seguinte, depois de praticado o que convém a um cristão, preparei-me para o embarque que efetuou-se no dia 13 do corrente Setembro.

O capitão e eu embarcamos num bote novo, de 6 remos por banda, com 6 soldados. Em outra canoa foram o alferes Manoel da Silva com o cabo de esquadra Henrique João Wilkens e o capelão que era o padre Paganini (1990:221).

A descrição de Landi o coloca numa embarcação com o poder temporal, representado pelo capitão Estevão José da Costa e, em outra, Wilkens com o representante do poder espiritual na figura do padre carmelita, o que é bem uma metáfora dos destinos distintos numa mesma aventura há 250 anos, sem esquecer que os principais “Mabé e Cacuhi, que não eram bons amigos, partiram nas suas respectivas canoas” (1990:221). É nítida a divisão dos poderes e das classes sociais envolvidas na viagem. Landi depois se consagraria como edificador de palácios e igrejas e Wilkens deixaria para a posteridade um poema épico intitulado *Muhraida ou o Triunfo da Fé*, manuscrito de 1785 e publicado pelo padre Cipriano Pereira Alho, 1819, como *A Muhraida ou a Conversão e Reconciliação do Gentio Muhra*.

Landi escreve sobre uma “planta curiosíssima (que) nenhum dos índios presentes soube dizer-lhe o nome, por não terem jamais visto planta semelhante” (1990:222). Relata a noite marcada por “um forte temporal com relâmpagos e trovões” (p. 224). Cita “o santo sacrifício da missa” (p. 223) celebrado sobre a pedra de uma cachoeira, o extravio de dois soldados que “foram depois achados por diligência dos índios” (p. 223) e até um presente inusitado por aquelas paragens, um “barrilinho de línguas defumadas de Holanda” (p. 227). Fatos até inverossímeis como da “grande piraíba (que) depois de tiradas as vísceras, pondo-se ela n’água para lavar-se, deu um salto, e não a vimos mais” (p. 226).

Um fato chama a atenção: Landi, em meio à aventura, dedica tempo para a “leitura do sexto livro de Salomão” (p. 227). Um leitor que contrasta com a figura de Wilkens, futuro escritor, que, como Camões, traz o “braço às armas feito, (...) mente às Musas dada” (X:155).

## II. DEDICATÓRIA

O poema heróico de Wilkens apresenta, no original, a seguinte folha de rosto:

Muhuraida  
ou  
O Triunfo da Fé  
Na bem fundada Esperança da enteira  
Conversão, e reconciliação da Grande, e feróz  
Nação do Gentio Muhúra  
Poema Heroico  
Composto, e compendiado em Seis Cantos  
Dedicado, e Offerecido  
ao  
Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor  
JOAM PEREIRA CALDAS,

O nome vem seguido dos cargos e títulos:

Do Concelho de Sua Magestade Fidelissima,  
Alcaide-Mór, Commendador de S. Mamede de  
Troviscózo na Ordem de CHRISTO; Governador,  
e Cappittão General, que era do Estáo do Graõ Pará,  
e agora nomeáo das Cappittanias de Matto Groço,  
e Cuyabá; e nos Districos dellas, e deste Estáo do Pará,  
encarregáo da Execução do Tractáo Preliminar de Páz e Limites,  
por parte da mesma Augustissima Rainha Fidelissima.

E a autoria:

Por hum Militar Portuguéz,  
Afectuózo, e reverente  
Subdito de Sua Ex<sup>a</sup>:  
em  
1785

Uma outra dedicatória traz as iniciais do poeta e é datada de quatro anos depois da primeira, com indicativo do local:

Ilmo. e Exmo. Senhor João Pereira  
Caldas  
De Vossa Excelência  
O mais reverente Súdito fiel  
H.J.W.  
Quartel de Ega, no Rio Solimões  
20 de Maio de 1789

Estes dados estão registrados na carta que acompanha o manuscrito do poema para *prezent[e]ar* aquela autoridade, onde Wilkens afirma que

O mesmo Ano, em que este memorável sucesso aconteceu, foi no qual eu este pensamento tive, foi aquele em que o executei e o mesmo em que eu o remeti, para, reduzido à precisa decência, a Vossa Excelência se presentear (1989:83).

Wilkens explica a elaboração dos versos imediatamente após o “sucesso” (queira ver anexo 1). Desde a *Muhuraida* firma-se uma característica marcante entre os escritores do Norte do Brasil: a Literatura aliada à História, seja na poesia, no conto, na novela, no romance ou no teatro.

Passada a fase Árcade de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha e a poesia delirante de Felipe Patroni, que antecipa em mais de cem anos o pós-modernismo, a Escola Romântica tem dois nomes de relevo, um na própria região, Lourenço da Silva Araújo Amazonas, autor do primeiro romance da Amazônia – *Simá*, em torno das revoltas de Lamalonga e, no além-mar, Francisco Gomes de Amorim, autor do romance *Os selvagens* e de duas peças encenadas em Portugal, *Ódio de raça* e *O Cedro vermelho*, já voltadas para a guerra civil que explode na Amazônia, a Cabanagem, entre 1835 e 1840.

O período de sistematização da literatura, a partir da Escola Naturalista – final do século XIX, início do XX, com a prosa de José Veríssimo, Inglês de Sousa e Marques de Carvalho, contra ou a favor, fixam personagens cabanos. Continuadores dessa tradição ligada à história, encontram-se, no Modernismo, Dalcídio Jurandir, Bruno de Menezes, Ildefonso Guimarães e Haroldo Maranhão.

Esta tendência entra no novo milênio, ainda nas vagas do pós-modernismo, com a publicação, no mesmo ano de 2001, dos romances de Marcos Quinam – *Sertão d’água*, Sant’Ana Pereira – *Os Saparás* e Flávio Sidrim Nassar – *O Armagedon na Cidade do Pará e a polêmica ressurreição do EngoleCobra*.

### III. ANTECEDENTES

“A literatura brasileira nasceu praticamente com um poemeto épico, a *Prosopopéia*, de Bento Teixeira”, afirma Péricles Eugênio da Silva Ramos (1969:93). A produção literária de Teixeira (1565 - ?) se resume a esta obra publicada em 1601 que também instaura o Classicismo, um Classicismo tardio, é verdade, em *Terra Brasilis*. São 94 estâncias em oitava rima e decassílabos heróicos, em torno da figura de Jorge de Albuquerque Coelho, donatário da Capitania de Pernambuco. A ação é narrada por Proteu, o deus dos rebanhos marinhos, o que de imediato estabelece a influência de Camões (1524-1580).

José de Anchieta (1534-1597), que outros teóricos elegem como o primeiro escritor brasileiro, com poemas e teatro mais voltados para a catequese dos índios e para a moralização dos costumes dos colonos, também escreve um poema épico, em latim, *De Gestis Mendi De Saa*. A língua litúrgica também é usada pelo jesuíta no *De beata virgine Dei Mater Maria*, assim como nos autos em que utiliza o português, o espanhol e o tupi.

O Barroco, também tardio, é assinalado pela *Música do Parnasso* (1705), de Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711), e produz o poema *Eustáquidos*, de frei Manuel de Santa Maria Itaparica (1704-1770?), classificado como épico-sacro-tragicômico, também em decassílabos e oitava rima e tem como tema a vida de santo Eustáquio.

No Neoclassicismo, o épico surpreende com as publicações do *Uruguai* (1769), de José Basílio da Gama (1740-1795), *Caramuru* (1781), de frei José de Santa Rita Durão (1722-1784) e *Vila Rica*, do inconfidente Cláudio Manuel da Costa (1729-1789). É neste período árcade que também se situa a *Muhuraida*, condenada ao esquecimento até o estudo revelador de Mário Ypiranga Monteiro, em 1966. O poema de Cláudio Manuel da Costa hoje está restrito a pouquíssimas antologias, mas nele se encontra a gênese de *O Caçador de Esmeraldas*, de Olavo Bilac (1865-1918), em pleno Parnasianismo, que, por sua vez, dá origem, na Música Popular Brasileira, às *Águas de Março*, de Tom Jobim. A arqueologia da canção é reveladora.

### IV. ARGONAUTAS

Que nação é esta que Wilkens torna objeto do poema? Marta Rosa Amoroso assim se expressa:

“A vida dos Mura, argonautas que habitavam originalmente o rio Madeira, índios de língua isolada, portadores de uma cultura material extremamente simples, nos chega da forma de um repetitivo noticiário de guerra” (1998:297).

Trecece informa que

Os Mura, ou Murá, nome dado por tribos vizinhas aos índios que a si mesmos se chamavam Muhuraen, habitavam segundo os primeiros registros a margem direita do rio Madeira em 1714. Eram conhecidos por sua hostilidade para com a missão jesuíta de Abacaxis, fundada acima da foz do Jamari por volta de 1723 e trasladada depois rio abaixo (1989:212).

O barão de Marajó, José Coelho Gama Abreu (1832-1906), diz sobre o rio Madeira: “a sessenta milhas da foz do rio Negro se lança no Amazonas, depois de um percurso de 2 mil milhas, com uma força e abundância de águas que parece a quem o encara a sua foz não ser inferior ao próprio rei dos rios” (1992:109).

Raimundo Morais (1872-1941) vê ainda “reflexos do Amazonas na cor das águas, na vegetação ribeirinha e até na distribuição geográfica das ilhas e dos bancos, dos barrancos e das praias” (1936-111), e acrescenta ser “o maior tributário do Amazonas em volume d’água”.

No poema de Wilkens, o Madeira é evocado diretamente no Canto 1<sup>o</sup>:13<sup>a</sup> estrofe:

Que desde o rio Madeira, já espalhado  
Se vê em distância tal e tão difuso  
Nos rios confluentes, que habitado  
Parece só por ele (Mura)

e reaparece no último canto, estrofe 21:

Também lá no Madeira a excelência  
Da Graça difundindo, os atraía,  
A procurar a Paz interessante,  
Co’o morador de Borba e comandante

Indiretamente o rio Madeira é citado pela “margem sobranceira” e “forte correnteza” (1<sup>o</sup>:14) e no Canto 3<sup>o</sup>:18:

Desse Madeira a exploração primeira  
Impediu, porventura, o Mura forte?  
Suas canoas vimos navegando,  
Diz, fomos, porventura, os maltratando?

Wilkens, nesta passagem, alude à expedição do capitão-mor, João de Barros Guerra, que, em 1716, comanda a primeira exploração. Em 1725 outra expedição, tendo à frente Francisco de Melo Palheta (que também introduz o café no Brasil), muda o nome do rio, de Caiari, para Rio das Madeiras, devido à grande quantidade de árvores, especialmente cedros seculares, trazidas pelas águas. Nos *Lusíadas*, Camões cita a origem do nome da



ilha da Madeira, num processo quase igual: “Que do muito arvoredo assim se chama” (V:5).

Já no *Prólogo para servir de instrução aos que lerem*, Wilkens apresenta o “Gentio Muhura ou Múhra” precedido de três adjetivos: “feroz, indomável e formidável” (1989:87). O século XVIII é o século de Rousseau (1712-1778) e Diderot (1713-1784), isto significa o século da teoria do *bon sauvage*, o século do espírito da liberdade e das três grandes revoluções: a americana, a francesa e a industrial. Neste contexto a palavra *gentio* significa tanto pagão, como índio ou idólatra, e todos estes conceitos Wilkens emprega aos Mura:

Parece, da noção da Divindade  
Alheios vivem, dela independentes  
(1<sup>o</sup>:9)  
Nas densas trevas da gentilidade  
(1<sup>o</sup>:9)  
“Transforma a mesma barca de Aqueronte  
Em templo de lascívia, altar e fonte”  
(1<sup>o</sup>:20)

Uma das mais antigas referências aos índios Mura se encontra no livro do padre João Daniel<sup>3</sup>, *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas*:

A nação Mura também tem muita especialidade entre as mais. É gente sem assento, nem persistência, e sempre anda a corso, ora aqui, ora ali; e tem muita parte do Rio Madeira até o Rio Purus por habitação. Não tem povoações algumas com formalidades, mas como gente de campanha, sempre anda de levante, e ordinariamente em guerras (1975:264)

Ao longo do poema surgem estas referências:

A bárbara fereza, a ebridade  
Associada se acha co’ a crueldade  
(1<sup>o</sup>:8)  
Sem templo, culto ou rito permanence  
(1<sup>o</sup>:9)

Quais Tártaros, os outros, vagabundos  
No corço e na rapina se empregando,  
Em choça informe vivem, tão jucundos,  
Como eu dourados tetos; espreitando  
Nas margens lá do rio, e lagos fundos,

<sup>3</sup> A única data conhecida da biografia de João Daniel é a partida do Maranhão para Lisboa, 1757, onde fica preso no cárcere de São Julião, por ordens de Pombal, até a morte.

O incauto navegante que passando,  
 Vai de perigos mil preocupado,  
 Só do mais iminente descuidado  
 (1º:11)

## V. CANTO 1º & MILTON

### Argumento

Mediante a Luz e Graça que se implora  
 De quem é dela Fonte; Autor Divino,  
 A Musa Época indica que até agora  
 De horror enchia o peito mais ferino.  
 Do Mura a examinar, já se demora,  
 Usos, Costumes, Guerras e o Destino,  
 Que, entre as informes Choças, inaudito,  
 Ao Prisioneiro dá, mísero, aflito.

Wilkens invoca no Argumento ao Canto 1º a musa Época. Tomando o termo “época” na acepção de um evento relevante, a conversão do índio Mura marca um período de tempo e a musa seria Clio, a Fama, que preside a História e inventora da cítara, o que é revelado em outra passagem do poema:

Faz época o Sucesso memorável,  
 Nos Anais do Pará; da dura gente  
 [...]
 Domesticar-se; quando o feroz Mura  
 Deseja a Paz; sossego só procura  
 (5º:3)

Isto é reforçado no final deste mesmo Canto, sob a invocação de “Casta Musa”. Clio é representada “sob os traços de formosa virgem coroada de louros, segurando na mão direita uma trombeta, e um livro na esquerda” – Spalding (1965:63).

Clio censura Vênus pelos amores escandalosos com Adonis e é punida pela deusa com a paixão com que se envolve com Piero, de quem teve Jacinto, o que leva a uma indecisão do leitor, Clio ou Calíope? Segundo ainda Spalding, Calíope é musa da eloquência e da poesia heróica, com representação semelhante: os louros, a trombeta e o livro, mas é a mais poderosa das nove musas, mãe de Orfeu.

Esta segunda escolha vem reforçada por Camões, no Canto III de *Os Lusíadas*:

Agora tu, Calíope, me ensina  
 O que contou ao Rei o Ilustre Gama;  
 Inspira imortal canto e voz divina

Neste peito mortal, que tanto te ama.  
(III, 1)

A musa de Milton é “Urânia, vem dos Céus, musa divina” (VIII, 1), invocada também como “empírea Musa” (I,1), “celeste Musa” (III,26), “sacrossanta Musa” (VII, 33), “Musa celestial” (IX,26). É a Musa da Astronomia, “A Celeste” e volta a ser citada no *Paraíso perdido*: “Meu canto sempre, ó tu, dirige Urânia” (VII,36).

Wilkens registra palavras que reforçam a aproximação da *Muhuraida* com *O Paraíso perdido*: Luz e Graça, Fonte e Autor Divino, todas intimamente ligadas. Graça, a conversão, emana da Luz que é o próprio Deus, como está em Milton:

Salve, ó Luz, primogênita do Empíreo,  
Ou coeterno fulgor do eterno Nume!  
Como te hei de nomear sem que te ofenda?  
É Deus a luz – e, em luz inacessível  
Tendo estado por toda a Eternidade,  
Esteve em ti, emanação brilhante  
Da brilhante incriada essência pura.  
(III:1 a 7)

Em Wilkens tudo é centrado no substantivo, não há devaneio, o ‘fulgor’ está na palavra ‘coeterna’ da poesia. Assim, a adjetivação de “Autor” com “Divino” se faz necessária para contrapor ao autor humano ele mesmo. No diálogo entre Adão e Deus, no Canto VIII do *Paraíso perdido*, o substantivo “Autor” vem seguido de “supremo” (384), “de tudo” (435), “do Mundo” (489) e “celeste” (647).

A Graça é resultante da conversão e o que leva à conversão é o arrependimento, como está em Milton, após a queda de Adão e Eva:

Em humilde postura, arrependidos,  
Os pais da humana prole orando estavam:  
A graça, vinda do superno trono,  
Já de seus corações mudado havia  
Toda a dureza em lacrimal brandura  
(XI:1 a 5)

Assim, os Mura repetem, no “teatro da floresta” (IV:202), o drama bíblico da “perdida/Graça adquirir” (1<sup>o</sup>:3). A “lacrimal brandura” é *traduzida* por Wilkens por “lágrimas de gosto” (1<sup>o</sup>:1).

Esta Luz que emana de Deus e que é o próprio Deus se opõe, na segunda estrofe, ao “Pélago das Trevas”: “Mandai raio de Luz, que comunica/ A entendimento, acerto verdadeiro./ Espírito de Paz!” – é como se até este momento os Mura não tivessem ainda sido redimidos da queda de Adão e Eva: “O mísero mortal, que em cativoiro/ Da

Culpa e da Ignorância navegando/ Sem voz, é certo, incauto ir naufragando” (1<sup>o</sup>:2). A metáfora da navegação e seus perigos está presente em todo o poema, depois da era dos descobrimentos marítimos – o “novo Oceano”, de que fala Wilkens (1<sup>o</sup>:7). Os conquistadores, agora, voltam-se para as aventuras dos rios desconhecidos.

Na estrofe 3, o autor ainda reforça o poder desta Luz: “Invoco aquela Luz” e “Luz resplandecente” que é “apetecida/Dos Justos” e desconhecida dos selvagens.

Já na primeira estrofe do Canto 1<sup>o</sup> é que aparece Providência, como determinação para os acontecimentos

Canto o sucesso que faz celebrado  
Tudo o que a Providência tem disposto,  
Nos impensados meios admiráveis,  
Que os altos fins confirmam inescrutáveis.

O final do *Paraíso perdido* está sob o signo da Providência quando Adão e Eva deixam o Jardim das Delícias:

De pena algumas lágrimas verteram,  
Mais resignados logo as enxugaram.  
Diante deles estava inteiro o Mundo  
Para seu gosto habitação tomarem,  
E tinham por seu guia a Providência  
Dando-se as mãos, os pais da humana prole,  
Vagarosos lá vão com passo errante  
Afastando-se do Éden solitários  
(XII:845 a 852)

Um recurso estilístico muito freqüente em Milton é uma seqüência de palavras que formam um ou mais versos, o que é recorrente também em Wilkens:

|         |   |
|---------|---|
| Milton  | O exílio, o cativo, a dor, o opróbrio<br>(II:279)             |
| Wilkens | A dor, o susto, o pasmo, o sentimento<br>(1 <sup>o</sup> :21) |

A estreita sinonímia dos vocábulos faz pensar numa tradução, como neste outro exemplo:

|        |  |
|--------|--|
| Milton | Aves, Céus, Terra, Lua, Sol, estrelas<br>(IV:1003) |
|--------|--|

Em Wilkens há um deslocamento:

O Céu, a Terra, as Aves, feras  
(2<sup>o</sup>:19)

Recurso que é usado pelo próprio Milton:

As estrelas, os Céus, a Terra, as aves  
(VII:737)

A reduplicação do verso aparece em:

|         |   |
|---------|---|
| Milton  | Contas, relíquias, bulas, indulgências<br>Bentos, bonzos, peregrinos, frades<br>(III:646/7)           |
| Wilkens | Grilhões, ferros, algemas, gargalheira<br>Açoites, fomes, desamparo e morte<br>(3 <sup>o</sup> :18/9) |

Wilkens, logo no Argumento do Canto 1<sup>o</sup>, usa substantivos abstratos com o último ligado aos dois primeiros por conjunção e artigo:

Usos, costumes, guerras e o destino

substantivos concretos precedidos de artigos, com o último seguido de adjetivo:

A flor, a fruta, a planta proveitosa  
(3<sup>o</sup>:9)

apenas o primeiro substantivo é precedido do artigo e o último ligado por conjunção:

O desespero, ousadia e atrevimento  
(2<sup>o</sup>:7)

substantivos precedidos da preposição *de* e ainda o emprego de conjunção:

De sossego, de paz ou de amizade  
De conversão, comércio ou aliança  
(2<sup>o</sup>:7)

ou ainda os substantivos, concretos e abstratos, apenas separados por vírgula, com o último adjetivado:

Paz, alimento, pai, Deus verdadeiro  
(5<sup>o</sup>:2)

Os exemplos citados são apenas uma mostra dos pontos de contato entre Wilkens e Milton.

## VI. CANTO 2º & DANTE

### Argumento

Já frustrados os meios que a brandura  
Da Religião e Humanidade inspira,  
Quando os da força desviar procura  
Do Onipotente se suspende a ira,  
Um Paraninfo desce, ao feliz Mura,  
Disfarçado, anuncia a Luz, que gira  
Da Fé, na Órbita eterna, Sacrossanta;  
O Apóstata confunde; ao Mura espanta.

Além de Milton, há na *Muhuraida* evanescências de Dante (1265-1321). Esta aproximação do poeta protestante com o poeta católico, segundo certa convenção literária, embora ambos sejam os poetas da paixão, é bastante curiosa e pode, inclusive, enriquecer a biografia de Wilkens, além dos trabalhos literários. O Argumento ao Canto 2º está próximo dos versos do *Paraíso perdido* e, imediatamente, a primeira oitava remete ao Canto I da *Divina Comédia*. Na característica concisão de Wilkens, cada palavra corresponde a um ou mais versos do florentino

Do inverno a longa noite e tenebrosa.  
Em nuvem densa envolta, que ameaça.  
Além da obscuridade, ser chuvosa.  
E o caminhante em dívidas<sup>4</sup> enlaça.  
Temendo, sem saber, se já enganosa  
Vereda, que então segue, nova traça  
Do Destino será, que a sepultura  
Aproximando-se vai, certa e segura.

O substantivo *noite* é duplamente adjetivado: “longa e tenebrosa”. Este último termo, na tradução de J. P. Xavier Pinheiro, caracteriza *selva*: “Achei-me numa selva tenebrosa” (I:2). O tempo, na *Divina Comédia*, é o do amanhecer: “No céu a aurora já resplandecia./Subia o sol, dos astros rodeado (I:12), depois da “noite atribulada, inquieta” (I:7). O caminhante do quarto verso encontra, em Dante, o verbo “caminhar” (I:12). “Enganosa vereda” de Wilkens tem correspondente com o “caminho abandonado” (I:4), já *Destino* concentra todo o verso inicial: “De nossa vida em meio da jornada” (I:1). O termo *sepultura* tem o correspondente *morte* (I:3).

<sup>4</sup> A edição de Alho substitui dívidas por dúvidas, no quarto verso, que termina por ponto e vírgula. A palavra é ilegível no original. No verso seguinte, Alho grifa a enganosa em lugar do já.

## VII. CANTO 3º &amp; CAMÕES

## Argumento

Do Céu o Murificado Mensageiro,  
 Prossegue a persuadir ao Mura atento,  
 Do Imaripi, que busque o verdadeiro  
 Desengano, e Ventura do portento.  
 Já convencido o Bárbaro primeiro,  
 Aos Companheiros patenteia o intento:  
 Mas um Ancião repulsa encontra irada,  
 Que em sucessos passados é fundada.

O *Ancião* de Wilkens remete imediatamente ao *Velho do Restelo* de *Os Lusíadas*:

Mas um velho, de aspeito venerando,  
 Que ficava nas praias, entre a gente,  
 Postos em nós os olhos, meneando  
 Três vezes a cabeça, descontente,  
 A voz pesada um pouco alevantando,  
 Que nós no mar ouvimos claramente,  
 Cum saber só de experiências feito,  
 Tais palavras tirou do experto peito:  
 (IV:94)

Todo o Canto IV é, para Bloom, “uma litania de mortandade” (2003:531). Em Wilkens:

Mas entre os anciãos, um velho encosta  
 A ressecada mão, com gesto raro,  
 Na negra face adusta e enrugada,  
 Estremado responde, em voz irada  
 (3º:15)

O leitor se depara com dois retratos. O que é apresentado por Camões é um “velho, de aspeito venerando” – o homem luso, cristão, dominador; o de Wilkens, “negra face adusta e enrugada” – o homem brasileiro, pagão e dominado. As falas de ambos condenam os empreendimentos, com “voz pesada”/“voz irada”. O primeiro demonstra “saber só de experiências feito” e não há nenhuma referência ao “saber” do segundo.

As reverberações dos *Lusíadas* no poema de Wilkens são menores em relação a Milton e estão quase diluídas nos versos. Vagas referências como, por exemplo, os Citas. Em Camões: “Aqui dos Citas grande quantidade/vivem” (IV:9/10); em Wilkens: “Inconstante e feroz, qual outro Cita” (1º:6º). No final deste mesmo Canto, Wilkens se ressentido que “Vai me faltando a Voz; destemperada/A Lira vejo” (1º:21), o que em

Camões é despedida: “No’mais, Musa, no’mais, que a Lira tenho/Destemperada e a voz enrouquecida” (X:145).

### VIII. CANTO 4º & MITO

#### Argumento

A oposição se vence e tudo parte;  
 No Imaripi, com pasmo é recebido.  
 Mimo, agasalho encontra; Ali reparte  
 Presentes preparados; persuadido  
 Por Fernandes honrado, que se aparte  
 Do Paganismo e Bosques; precedido  
 Pelo Anjo, por Fernandes é levado  
 A Tefé, onde ao chefe é apresentado.

A associação paganismo/bosque, como se encontra no Argumento, fixa não apenas o passado do Mura, mas o passado de toda a humanidade. É o “valor cruel, bárbaro insano!” (2º:13) *versus* cristianismo. Entretanto, valores pagãos são retomados por Wilkens. Afinal, não pode haver epopéia sem deuses e alguns deles são citados na *Muhuraida*.

Aqueronte, filho do Sol e da Terra, aparece no Canto 1º, numa referência à barca que atravessa o rio do Inferno, que o Mura “Transforma a mesma Barca de Aqueronte./Em templo de lascívia, altar e fonte” (1º:20). Como os outros personagens mitológicos, na *Muhuraida*, se fixa como breve referência.

Zéfiro, vento do ocidente, filho de Éolo e da Aurora, esposo de Flora e que faz desabrochar as flores e amadurecer os frutos, também é citado: “O Zéfiro mais brando que movendo/A flor mimosa, a gala lhe acrescenta,/Tão sereno não é” (3º:1).

A rainha das Amazonas também é invocada no Canto 1º, quando Wilkens se refere ao Amazonas: “Rio, que de Pentessiléia a Prole/Habitando algum tempo, fez famoso” (1º:5). Pentessiléia luta ao lado dos troianos e é morta, ou se deixa matar por Aquiles, em corpo a corpo. O herói, deslumbrado pela beleza da guerreira, chora junto ao corpo. No *Paraíso perdido*, estas mulheres são citadas depois que Adão e Eva comem do fruto proibido e buscam ocultar a nudez: “Destas árvores folhas largas, longas/ Das Amazonas simulando escudos” (IX,1287/8).

Febo aparece na *Muhuraida* “entre as Matronas/ de Ortígia” (1º: 18). Ovídio, segundo Spalding, “alude a dois Febos, *utroque Phoebos*, que se deve entender como o sol nascente e o sol poente” (1965:102). Aqui se trata do primeiro sol, uma vez que, na mesma estância, há referência à Aurora, enquanto entidade mítica, e não apenas parte do tempo, mas a “Aurora dos dedos cor de rosa”, do verso de Homero. As matronas de Ortígia, floresta perto de Éfeso, remetem às ninfas Driades.



Jano, divindade originária da Cítia, merece duas referências no mesmo canto – aliás, Wilkens classifica o Mura de “Inconstante e feroz qual outro Cita” (1<sup>o</sup>:5). O templo do deus, em Roma, abre durante a guerra e fecha em tempo de paz:

Se o Templo lá de Jano, entre os Romanos,  
Na Paz se fecha, inútil reputando  
O culto da deidade, que os humanos  
Ao seu capricho vai sacrificando

O Autor faz contrastar com os costumes locais:

Os Templos entre os nossos Lusitanos,  
Mais que nunca se ir devem freqüentando;  
Agradecendo ao Deus Onipotente,  
A Paz que Ele promove felizmente  
(5<sup>o</sup>:4)

A segunda menção se volta para as festas em honra ao deus: “Se eles (Mura) também a Jano dedicaram,/ Entre os meses das Eras, o primeiro” (5<sup>o</sup>:5). O primeiro mês do ano, Januarius, é dedicado a Jano, e o primeiro sacrifício era celebrado no dia nove. Jove ou Júpiter aparece relacionado a Juno na mesma estância:

Ou a Jove na primícia o consagraram,  
Como a princípio, entre eles, verdadeiro,  
Não menos memoráveis nos ficaram  
Os dias venturosos de Janeiro  
(5<sup>o</sup>:5)

É o único entre os deuses de primeira linha citado por Wilkens. Aquele a quem Camões chama de “Padre (...) sublime e digno” (I:22).

## IX. CANTO 5<sup>o</sup> & HERÓI

### Argumento

Brindados pelo chefe e moradores,  
Satisfeitos os Muras se ausentando,  
As choças chegam; já os exploradores  
As malocas vizinhas relatando  
Feliz sucesso vão; já fundadores  
Fernandes no Amaná, co’ Ambrósio dando  
A Colônia princípio; a vez segunda  
A Ega co’ o Mura Amigo em gosto inunda.

Os deuses traçam o Destino e os heróis tramam a História. Mas quem são os personagens de Wilkens? Nenhum astucioso Ulisses – de Homero, nem o ilustre Gama – de Camões. Passam quase despercebidos entre os marinheiros, colonizadores e viajantes que por aqui chegaram. Merecem um simples registro em algum relato:

Matias Fernandes – diretor do lugar de Santo Antonio do Imaripi, no rio Japurá,  
Tenente-coronel João Batista Martel, ou Mardel,  
primeiro comissário da Quarta Divisão de Limites,  
na vila de Ega  
Frei José de Santa Teresa Neves, religioso do Carmo, vigário de Nogueira

e entre todos se destaca João Pereira Caldas, a quem Wilkens dedica o poema.

Antonio Ladislau Monteiro Baena, no *Compêndio das Eras da Província do Pará*, publicado pela primeira vez em 1829 e que abrange o período de 1615 a 1823, assim se refere a Pereira Caldas:

Vigésimo segundo governador e capitão general do Estado do grão-Pará e Rio Negro (...) O seu predecessor Fernando da Costa de Ataíde Teive, na sala do Governo Municipal da Cidade de Belém do Pará aos 21 de Novembro de 1772 na mão lhe depõe o bastão (insígnia do poder) e desta maneira lhe faz entrega da jurisdição que exercia.

Com este governador assomou o quinto bispo do Pará, Dom Frei João Evangelista Pereira, da Terceira Ordem de São Francisco e o coronel Joaquim Tinoco Valente, governador da Capitania do Rio Negro (1969:188).

Entre os acontecimentos que marcam a governadoria de Pereira Caldas, se destacam:

- 1772 – Decreto real de 20 de Agosto separa definitivamente o governo do Pará, do governo do Maranhão; a linha de demarcação entre os dois territórios é o rio Turiaçu; o governo eclesiástico, desde 1758, estabelece a divisa pelo rio Gurupi.
- 1774 – Criação de uma Guarda de Cavalaria, com quartel próprio no Largo do Palácio. Casa e Armazens da Companhia de Comércio, “no lugar de Tabatinga, último termo ocidental da Capitania do Amazonas” – Baena (1969:192); “erige-se uma Ermida consagrada a Nossa Senhora de Nazaré, na Estrada do Utinga, Engenho fundado por Teodoreto Soares na margem direita do Igarapé Murutucu” – Baena (1969:192).
- 1775 – Ainda, segundo Baena, “Encarrega Antonio José Landi o desenho e a ereção de um pequeno Teatro bem ordenado junto ao lado oriental do Jardim do Palácio: e expressa-lhe nesse momento que nisto espera ver a mesma atividade e

inteligência que sempre tem manifestado no desempenho das difíceis obrigações inerentes a um Arquiteto” (1969:192).

1777 – Morte do rei Dom José I, “Reinado de Dona Maria I e seu augusto tio e marido Dom Pedro III, que ela associa ao Trono” – Baena (1969:192)  
Conclusão da “Capela de São João Batista, sagrada no dia 23 de Junho” – Baena (1969:193).

1778 – Extinção da Companhia do Comércio, responsável por ter “metido no Pará doze mil e quinhentos escravos africanos (...) a maioria destes foi exportada para Mato Grosso” – Baena (1969:194).

Pereira Caldas é substituído, em 1780, por José de Nápoles Têlo de Menezes.

## X. CANTO 6<sup>o</sup> & LIBERDADE

### Argumento

Enquanto o Tutelar a Mura gente,  
Celeste Paraninfo, o vai guiando;  
O príncipe das Trevas faz patente  
Seu susto, os emissários seus mandando.  
Deles o empenho, o Anjo prepotente  
Destrói; a Ega e Nogueira vão passando;  
Aqui vinte inocentes batizados,  
De outros progressos deixa esperançados.

A advertência de Mário Faustino, “(esquecei-vos dos uraguais e caramurus)” (2003:234), certamente incluiria a *Muhuraida*, entre os poemas, ditos épicos, “sem qualquer sentido agônico, sem verdadeiro drama, sem heroísmo, sem sublime e sem purgação” (2003:162). Nem mesmo a presença do “Celeste Paraninfo” – Miguel Arcanjo, o guerreiro que derrota o “Príncipe das Trevas”, vai além do comum relatado nos seis Cantos. Mas, como afirma Márcio Sousa, “além de ser a primeira tentativa poética na região, representa um documento histórico inestimável” (1977:64) e que abrange outros ramos do conhecimento.

Ao se propor examinar “Usos e costumes” (1<sup>o</sup>:proposição) dos Mura, Wilkens aborda o uso “da envenenada flexa” (1<sup>o</sup>:10), a situação particular de índios de corso em “barcos tão ligeiros quanto informes” (1<sup>o</sup>:17), mas se detém, principalmente, sobre a condição dos prisioneiros: “e o destino Que (...) inaudito,/Ao prisioneiro dá”. Logo no Argumento do Canto 1<sup>o</sup>, destaca a condição dos reféns de guerra e coloca os Mura entre “Algumas (...) nações que as mais excede/ No bárbaro costume e crueldade” (1<sup>o</sup>:10), resultante da “bárbara fereza, a ebridade/ Associado se acha com a crueldade” (1<sup>o</sup>:8).

Ao lado da celebração da liberdade na nona estrofe, Wilkens coloca o contraponto da servidão, na 18<sup>a</sup>:

Sem distinção de sexo ou qualidade,  
 Ou tudo mata, ou leva manietado,  
 Em duro cativoiro, onde a maldade,  
 O trabalho combina, destinado  
 Aos diferentes sexos, e à idade  
 Dos prisioneiros; sendo castigado  
 O negligente, com tal aspereza  
 Que prova é convincente da fereza

estrofe acompanhada na nota:

Na oitava 18 se fala dos prisioneiros: estes são os velhos e rapazes que da morte escapam e são empregados pelos Mura para fazer arcos, flexas na fábrica das infames choças; na caça, pescaria, etc, enquanto as mulheres prisioneiras se empregam em fiar algodão, para fio e para envolver as mesmas flexas; em fazer louça, farinha de mandioca ou beijus, (espécie de bolo da mesma) em cozinhar o peixe e caça, etc; sendo castigados todos asperamente se não completam o trabalho duro que se lhes destina (1989:103).

A escravidão é consequência do estado de guerra constante em que vivem as diferentes nações indígenas entre si, e os colonizadores contra todas: “Vendo a Terra/ De sangue tinta, de uma injusta guerra” (1<sup>o</sup>:9), versos que se repetem no mesmo canto: “e a terra tinta/ De sangue, que não deixa a raiva extinta” (1<sup>o</sup>:17) com esta pequena variante final.

A celebração da liberdade referida anteriormente, “Da doce liberdade desfrutando” (1<sup>o</sup>:8), choca o conceito mercantilista imediato do Autor: porque vem “desprezando/Projetos de Ambição” (1<sup>o</sup>:8). E nos versos seguintes, “Abuzando da mesma liberdade/Que lhes concede esse Ente Onipotente” (1<sup>o</sup>:9) e através desta referência Wilkens, uma vez mais, se mostra seguidor de Milton, que, segundo Bloom, “exalta a liberdade humana, inclusive a liberdade de pecar” (2003:80). O tom da crítica de Wilkens se volta não contra os Mura, mas, veladamente à sociedade que tolhe esse direito.

Sob o aspecto conversão/guerras Moacyr Scliar acrescenta:

Os jesuítas esperavam transformar os indígenas, convertendo-os ao cristianismo. Apesar de experiências como a das Missões Guaranis – uma grande e complexa sociedade organizada em moldes comunitários – esta não

foi a regra. As tribos tinham uma dinâmica psicossocial própria. Dessa dinâmica faziam parte as guerras tribais, a antropofagia e os surpreendentes movimentos migratórios que às vezes envolviam milhares de pessoas (2003:194).

Entretanto, os Mura não são antropófagos, mas o Autor deixa registradas sugestões de necrofilia: “(...) infernal abuso da impiedade./ Que até no frágil Sexo exercida/ Depois da morte” (1<sup>o</sup>:19). Os versos são seguidos da Nota, onde o Autor afirma que “É bem constante, como o Gentic Mura abusa das mulheres prisioneiras, e ainda depois de mortas, na ação de as cativar”.

O relato do padre João Daniel faz a ressalva: “Com serem estes muras tão bravos e tão belicosos, não são tão bárbaros como as mais nações que comem carne humana” (1975:v.1,265). Em nota à 11<sup>a</sup> oitava do Canto 1<sup>o</sup>, Wilkens esclarece:

Entre várias nações de gentios de corço, menos conhecidos, como Maués, Miranhas, Chituás, etc., que habitam o Rio Japurá, é mais conhecida a grande Nação dos Muras, pois não sendo antropófagos só se emprega em matar e roubar tanto os brancos como os índios domésticos como selvagens. Até o ano de 1756 não consta saísse do Rio Madeira os Muras. Agora infestavam o Amazonas e seus confluente todos (1989:98)

Isto está manifesto no poema:

Algumas há nações que as mais excede  
No bárbaro costume e crueldade,  
Com que o esforço e valentia medem,  
Repugnante à razão, à humanidade.  
Da envenenada flecha que despedem,  
A escolha pende da voracidade  
Com que o inerme peito acometendo,  
Da vida o privam, para o ir comendo  
(1<sup>o</sup>:10)

Daniel, em outra passagem, esclarece a causa da guerra permanente: “tem essa contínua guerra, não porque come gente ou carne humana, mas por ódio estranhável aos brancos, a que estes mesmos deram muita causa” (1975:v.1,264).

A “bárbara fereza” é dada como característica do outro – o índio. Entretanto, no Canto 5<sup>o</sup>, Wilkens fala no “antigo albergue”, em Alvaraes, localidade do Rio Amazonas e, em nota, acrescenta que “Os índios e os moradores denominavam esta povoação com o nome de Caiçara”. Carlos Rocque, na *Grande Enciclopédia da Amazônia*, dá quatro acepções para este termo:

1. Cercado de madeira à beira do rio, destinado ao embarque do gado;
2. Curral tosco onde vivem, no lodo, as tartarugas;
3. Rio do Estado do Amazonas;
4. Nome dado, antigamente, a uma povoação das margens do Solimões (Amazonas), por servir de curral aos índios escravizados no rio Japurá e outros.

Não são necessárias maiores explicações para perceber que, para os portugueses, gado, tartarugas e índios se equivalem. O cônego Francisco Bernardino Sousa, contemporâneo de Wilkens, escreve no livro *Lembranças e curiosidades do Vale do Amazonas* que

#### CAIÇARA

Em língua geral (tupi) quer dizer *curral*.

Foi dado antigamente este nome a uma povoação no Solimões para servir de *curral* aos índios escravizados no rio Japurá e outros:

(1873:22)

Mais uma vez os conceitos do poder civil e religioso se completam. Anísio Jobim, em *O Amazonas: sua história*, fixa uma imagem contundente:

Em Tefé, no rio Solimões, há uma povoação por nome Caiçara, que é um símbolo vivo do comércio de cativar índios e encurralá-los como alimárias, até que sejam vendidos e distribuídos pelos povoados das margens dos rios. A denominação Caiçara indica esses imundos cercados. O lugarejo até pouco tempo persistiu na geografia política com tal apelido, mudado para Alvarães (1957:53).

O manuscrito de Wilkens é publicado em 1819 pelo padre Cipriano Pereira Alho com

A MUHRAIDA,  
ou  
A Conversão, e Reconciliação  
do Gentio-Muhra  
Poema heroico em seis cantos,  
Composto  
por H. J. Wilkens  
Dado a luz e offerecido  
ao Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor  
D. Antonio José d'Oliveira,  
Bispo d'Eucarpia, Suffraganeo Coadjutor,  
e Provisor do Arcebispado d'Evora, do  
Conselho de S. Magestade, etc. etc. etc.  
Pelo seu Capellão  
O P. Cypriano Pereira Alho,

Presbytero Eborensis.  
 (escudo d'armas)  
 Lisboa:  
 Na Impressão Regia  
 1819.  
 Com Licença

Nesta edição, Alho faz algumas modificações de palavras ou versos inteiros (queira ver Anexo 2).

O *Dicionário Bibliográfico Português* traz a seguinte nota sobre Alho

Presbítero secular, depois de ter professado durante alguns anos o instituto ou regra carmelita, com o nome de Fr. Cipriano Albertino. Esteve como tal no Brasil, e em 1792 Vigário paroquial da igreja de Moreira, na capitania do Rio Negro. Recolhendo-se depois a cidade d'Evora, sua pátria, e obtendo a secularização, aí se conversou durante o resto da vida. Em 1820 declarou-se acérrimo propugnador das ideias liberais, o que depois lhe provocou alguns desgostos. Em 1834 foi nomeado Bibliotecário da Bibl. Pública d'Évora, cargo que exerceria por três meses, ou pouco mais, pois faleceu n'esse mesmo ano. (1859:II, 116)

E a seguir acrescenta: “*A Muhraida, ou a conversão e reconciliação do gentio Muhra. Poema heroico em seis cantos, por H. J. Wilkens.* (Traduzido em outava rythma portugueza.) Lisboa, na Imp. Regia 1819. 8<sup>a</sup> de 70 pag.” (1859:II, 116). Segundo Treece, o uso do termo “traduzido” é que teria levado Mário Ypiranga Monteiro a admitir a existência do original na língua Mura e a edição de Alho a ser citada como “tradução”.

O estilo da *Muhraida* é definido por Márcio Sousa como “um texto mais direto, objetivamente contundente e despido” (1977:66). O poeta em nada difere do relatório do homem de armas, como neste trecho do *Diário da viagem ao (rio) Japurá*:

(Março) Sábado 17 (1781) Largamos às 5 ½ e entramos em um largo rio e agradável à vista, às 7 ½ Aportamos às 2 da tarde em uma praia na Boca do Rio Comarú, domicílio da Nação Paré. Aqui se soube em certeza pela relação das Índias que os Muras inventaram assaltar o lugar de Santo Antônio no rio 16, para que tinham muita farinha, canoas furtadas e flexas que tudo se lhe destruiu e quebrou, e se deu morte a 12 ou 14 Muras, achando-se no seu campo 50 tajupares. Este dia caminhamos 4 <sup>2</sup>/<sub>3</sub> léguas (1994:23).

É só comparar com a descrição que Wilkens faz, no poema, sobre o fenômeno das terras de aluvião ou terras caídas:

Entre os frondosos ramos, que bordando

As altas margens vão, de esmalte raro  
 Sevindo estão mil rios, tributando  
 Correntes argentinas, que no avaro  
 Seio recolhe o Amazonas, quando  
 Descendo vem soberbo, sem reparo,  
 A terra, os arvoredos arrastando  
 Para no mar os ir precipitando  
 (1º:6)

Esta estância também comprova como Wilkens é parcimonioso no uso do adjetivo, e a colocação do adjetivo antes ou depois do substantivo (queira ver Anexo 3) corresponde à vida selvagem e à travessia para o cristianismo. É como se fosse um novo *fiat*, uma nova criação, uma nova humanidade. Sobre esta travessia, Mircea Eliade escreve, no *Mito do Eterno Retorno*, que é “a transformação do caos em cosmo, por meio do ato divino” (1992:22). O “Bárbaro primeiro”, do Argumento ao Canto 3º, é o Adão amazônico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, José Coelho Gama – Barão do Marajó. *As regiões amazônicas: estudos corográficos dos Estados do Pará e Amazonas*. 2ª ed. Belém: Secult, 1992.
- AMOROSO, Marta Rosa. Corsários no caminho fluvial. In: *História dos índios no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras: SMC: Fapesp, 1992. p. 296s.
- BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. *Compêndio das Eras da Província do Pará*. Belém: Edufpa, 1969.
- BETTENDORF, João Felipe. *Crônica dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. 2ª ed. Belém: FCPTN: Secult, 1990.
- BLOOM, Harold. *Gênio*. Trad. Roberto O’Shea. São Paulo: Objetiva, 2003.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- CÂNDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CIDADE, Hernâni. *Santa Rita Durão: Caramuru* (Poema épico do descobrimento da Bahia). 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1961.
- DANIEL, João. *Tesouro descoberto no rio Amazonas*. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, v. 95, t. I, 1975.
- DANTE. *Divina Comédia*. Trad. J. P. Xavier Pinheiro. São Paulo: Jakson, 1960.
- ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. Trad. José Antônio Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- FAUSTINO, Mário. *De Anchieta aos concretos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- JOBIM, Anísio. *O Amazonas: suas histórias* (ensaio antropogeográfico e político). São Paulo: Editora Nacional, 1957.
- MACEDO, Lino de. *Amazônia*. Lisboa: Adolfo Mendonça, 1906.



- MENÉNDEZ, Miguel A. A Área Medeira – Tapajós: situação de contato e relação entre colonizador e indígenas. In: *História dos Índios no Brasil*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras: SMC: Fapesp. 1992. p. 283s.
- MILTON, John. *Paraíso Perdido*. Trad. Antonio José de Lima Leitão. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Fatos da Literatura Amazonense*. Manaus: Universidade do Amazonas, 1976.
- MORAIS, Raimundo. *Anfiteatro Amazônico*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Melhoramentos, 1936.
- MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. *Henrique João Wilkens e os Índios Mura*. Anais da Biblioteca Nacional, 1989. v. 109, p. 227-301.
- RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização, 1970.
- ROSÁRIO, José Ubiratan. *Amazônia, processo civilizatório: apogeu do Grão-Pará*. Belém: Edufpa, 1987.
- SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.
- SILVA, Mário Camarinha. *Basílio da Gama: O Uruguai*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Agir, 1972.
- SOUZA, Francisco Bernardino. *Lembranças e curiosidades do Vale do Amazonas*. Pará: Tipografia do Futuro, 1873.
- SOUZA, Francisco Bernardino de. *Comissão do Madeira: Pará e Amazonas*. Rio: Tipografia Nacional, 1874.
- SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.
- SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário de Mitologia greco-latina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.
- TREECE, David H. *Introdução crítica à Muhraida*. Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v.109, p. 205-275, 1989.
- WILKENS, Henrique João. *Muhraida ou o Triunfo da Fé – 1785*. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, v.109, p.79-165, 1989.
- WILKENS, Henrique João. *A Muhraida ou A conversão e conciliação do Gentio-Muhra – 1819*. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, v.109, p. 167-204, 1989.

**ANEXO 1**

O primeiro estudo sistemático sobre a Literatura na Amazônia data de 1922 e é de autoria de José Eustáquio de Azevedo (1867-1943). Wilkens não é citado, cabe a primazia a Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha (1769-1811), nascido em Barcelos, antiga aldeia de Mariuá, no Amazonas, autor de dramas, odes, cantatas, idílios e sonetos. Povoava o cenário com gênios, ninfas e improváveis pastores de uma Arcádia equatorial e selvagem.

Na seqüência surge a figura controvertida de Felipe (Alberto) Patroni (Martins Maciel Parente – 1794-1866), que ainda não teve a produção poética devidamente analisada, assim como a participação política como mentor da Cabanagem, guerra civil que ensanguenta todo o Norte, de 1835 a 1840. O Arquivo Público do Pará possui, ainda, textos inéditos deste escritor natural do Acará, Pará.

**ANEXO 2**

Manuscrito de Wilkens

Edição de Alho

**CANTO I**

Argumento

|   |  |
|---|--|
| Canto o successo fausto, inopinado      | 1.   |
| Mandai rayo de Luz que comunica         | 2.   |
| Invoco aquella Luz, que diffundida      | 3.   |
| Mais de des Lustros erão já passados,   | 4. Mais de dez lustros eram passados,              |
| Rio, que de Pantasilea a Prole          | 5. O rio que a Penthesilea-prole                   |
| Entre os frondosos Ramos, que bordando  | 6.   |
| Compete o cabedal do novo Oceano,       | 7. (sem a vírgula)                                 |
| Entre Naçoens immensas, que habitando   | 8.   |
| Nas densas trevas da Gentilidade,       | 9. (...) gentilidade                               |
| Algumas ha Naçoens, que as mais excedem | 10. (...) nações (...)                             |
| Quaes Tartaros, os outros, vagabundos,  | 11. (...) ou outros (...)                          |
| Qual Lobo astuto, que o Rebanho vendo,  | 12. (sem a vírgula final)                          |
| Tal do féroz Muhura, agigantado         | 13. (...) Múhra (...)                              |
| D'ali, vé o Navegante embaraçado        | 14. O naufragante vê embaraçado                    |
| D'aqui de agudas flechas hum chuveiro,  | 15.  |
| Qual Ave de rapina, insaciável,         | 16. (... sem a vírgula) insaciável (sem a vírgula) |
| Não mitiga o cruel o feroz peito,       | 17. (sem a vírgula final)                          |

Sem distincção de Sexo, ou qualidáde,  
De insípido Manjar alimentando  
A mesma foge, ás vezes, consternáda  
Mas minha Casta Musa se horroriza;

18. (...) qualidade,  
19. (...) manjar (...)  
20. A mesma às vezes foge d'envergonhada,  
21. (...),

## CANTO II

## Argumento

Do Inverno a longa Noute, e tenebróza,  
Do temor e canção emfim rendido,  
Na densa tréva, assim, da adversidáde,  
Não se cançava o Zelo, e a piedade,  
Mil vézes reduzillos se intentáva  
Qual incauto Menino, que affagando  
Assim perdida já toda esperança  
Dos Monarcas innata piedáde;  
Mas lá desde o Divino Consistorio  
Entre elles, nos Apostatas repára  
Em zélo, e Caridade então ardendo  
Que fazes? Meu Irmão!/lhe diz seréno  
Ah! Deicha estar, hum pouco, já ociózo,  
Perplexo então o Muhura, olhando attento,  
Hes tu!/lhe diz emfim/Parente amádo!  
Sou teu Irmão, não témas, respondendo  
Á sombra, em relva agreste, reclinádos,  
Com placido semblante, alegre rosto,  
Aquelle, que da Quéda, e do perigo  
Absorto, ouvindo o Muhura a novidáde  
Ah! Quanto acertos – diz o Messageiro/  
Menos te entendo agora; Misteriόzo

1. Do Inverno a noite longa, e tenebrosa  
2. (...) em fim (...)  
3. Na densa treva assim da crueldade,  
4. (...) cançava o zelo, (...)  
5. Mil vezes (...)  
6. (...) menino, que afagando  
7. Há quem servil temor, pallido susto,  
8. Tereis nos povos vossos, numerosos,  
9. Qual fresco orvalho, que nutre humectando  
10. Qual de pezado somno despertando  
11. Levantai-vos, parentes amados;  
12. Que credito se alcança, que proveito.  
13. Quem pode duvidar que carecemos  
14. Por ventura co'a paz sendo aliados  
15. Attentos ouvem todos a proposta  
16. Oh dos teus poucos annos louco effeito!  
17. Já não lembro o agravo a falsidade,  
18. Grilhões, ferros, algemas, gargalheira,  
19. Aquelle que da queda, e do perigo,  
20. (... sem a vírgula) ouvindo o Múhra (...)  
21. (...) acertas (diz o messageiro)  
22. (...); misterioso

## CANTO III

## Argumento

- |  |   |
|--|---|
| O Zefiro mais brando, que movendo          | 1.  |
| Não te posso explicar, Irmão Amado!        | 2. (...), irmão amado,                      |
| Só por ôra, dizerte he permitido,          | 3. Por ora só dizer-te he permitido.        |
| Que este Rebanho seu, e Pôvo amádo,        | 4. (...) rebanho (...), e povo amado,       |
| E para que conheças a verdáde              | 5.  |
| O Pôvo dessa Aldea he conhecido,           | 6. O povo d'essa Aldeia (...)               |
| Há quem servil temor, pallido susto,       | 7. Assim perdida já toda a esperança        |
| Tereis nos Pôvos vossos numerózos          | 8. Dos monarcas a innata piedade,           |
| Qual fresco Orvalho, que nutre, humectando | 9. Mas lá desde o divino consistório        |
| Qual do pezádo Somno despertando           | 10. Entre elles nos apostatas repara,       |
| Levantai-vos! Parentes meus amádos!        | 11. Em zelo, e charidade então ardendo.     |
| Que credito se alcança? Que proveito,      | 12. Que fazes, meu irmão? (lhe diz sereno), |
| Quem pode duvidar que carecémos            | 13. Ah! deixa estar hum pouco já ocioso     |
| Por ventura co'a páz, sendo alliádos       | 14. Perplexo o Múhra então olhando attento, |
| Attentos ouvem todos a proposta,           | 15. És tu (lhe diz em fim) parente amado?   |
| Oh, dos teus poucos annos, louco effeito!  | 16. Sou teu irmão, não temas, respondendo   |
| Já não lembra o agrávo, a falsidáde,       | 17. Á sombra em relva agreste reclinados    |
| Grilhões, Ferros, Algémas, gargalheira,    | 18. Com plácido semblante, alegre rosto     |
| Para os alimentar, matalotágem             | 19. (...) matalotagem                       |
| Que mais fazer podia o Irmão? O Amigo?     | 20. (...) o irmão, o amigo                  |
| Assim fallando o Velho se levanta;         | 21. (...) o velho (...),                    |

## CANTO IV

## Argumento

|  |  |
|--|--|
| Qual vento impetuózo, que arrancando       | 1. (...) impetuoso, (...)                  |
| Vinde, lhes diz o Muhura, Oh Companheiros! | 2. (...) Múhra, ó companheiros;            |
| Disse, E voltando, o remo, o Arco empunha; | 3. Disse; e (...), o arco (...);           |
| Não se repára em Sexo, ou qualidáde,       | 4. (...) repara em sexo, (...),            |
| Não dispréza a lembrança o proprio meyo    | 5. (...) despreza (...) util meio          |
| Se avista emfim o porto procurádo;         | 6. (...) em fim (...) procurado;           |
| O Remo, que o temor tinha Suspenso,        | 7. O rémo, (...) suspenso,                 |
| A todos precedendo, vai primeiro           | 8.   |
| Socéga o alvoroço; Mutualmente             | 9. Socega (...); mutuamente*               |
| Oh Muhuras Velerózos! Eu conheço           | 10. Sus, Múhras valorosos! Eu (...)        |
| Eu sei, que agrávos tendes na lembrança,   | 11. (...), que agravos (...).              |
| Este o tempo feliz, que destináva,         | 12. (...) destinava                        |
| Pede este Heroe; Deos lho concede, e véjo, | 13. (...) heroe, (...), e vejo.            |
| Eia! pois filhos meus/ Que assim vos chame | 14. Eia pois, (...)! (que assim vos chame) |
| Não faz vapor sulfureo taes efeitos,       | 15. (...) sulfúreo (...)                   |
| La o Anjo Tutellar da Muhura Gente,        | 16. Lá (...) tutelar da Múhra gente        |
| De Mathias assim; do Muhra o peito,        | 17. (...), do Múhra (...)                  |
| Soberbo recebia o Amazónas                 | 18. (...) Amazonas                         |
| Velóz, contente, alegre, e curiózo,        | 19. Veloz. (...) curioso                   |
| Já de Ega chega ao porto, diferente        | 20. D'Ega (...), bem diferente             |
| Assim de hum filho auzencia lamentando     | 21. (...) d'hum (...) a ausência (...)     |

---

\* Como no manuscrito.

## CANTO V

## Argumento

|  |   |
|--|---|
| Oh Tu Supremo Author da Naturéza!          | 1. Oh tu, (...)                             |
| Tu foste, que o feróz, barbaro peito,      | 2. (...) feroz, (...)                       |
| Faz Epocca o Sucesso memorável,            | 3. (...) epoca o successo (...)             |
| Se o Templo lá de Jáno, entre os Romanos,  | 4. (...) templo (...) Jano, (...)           |
| Se elles tambem a Jáno dedicarão,          | 5. (...) Jano (...)                         |
| De gostos, que transportes! de allegria!   | 6. De gosto, que transporte, de alegria,    |
| Já passa o Dia; passa a Noute: a Sesta,    | 7. Já passa a noite, passa o dia, e a sesta |
| Tres dias desta sorte já passados,         | 8.  |
| Chegádos a seus Ranchos, recebidos         | 9. (...) ranchos, (...)                     |
| Mas já do Principal serve o cuidádo;       | 10. (...) cuidado,                          |
| Qual bando de Aves, que ao primeiro grito, | 11. (...) aves, (...)                       |
| Hum profugo entre os mais Muhurificádo,    | 12. (...) prófugo, (...) muhrificado,       |
| O Espirito Celeste, que inspirando         | 13. O espirito-celeste, (...)               |
| Em quanto de Enviádos o destino            | 14. (...) enviados (...)                    |
| Não lhe esquece o preciso, util cuidádo,   | 15. (...) cuidado                           |
| Soberbo o Japurá vé no seu seyo            | 16. (...) Yupurá, vê (...)                  |
| Qual de officiózta Abelha o numerózo       | 17. (...) officiosa (...) numeroso          |
| Assim o antigo Albergue já deichando       | 18. (...) albergue já deixando              |
| Ficando d'entre os Novos de admirádos      | 19. (...) os nossos (...)                   |
| Não são os brancos, não, que de aleivoso   | 20. (...) não que (...)                     |
| Persuadidos os deicha o desengano;         | 21. (...) deixa (...)                       |

## CANTO VI

## Argumento

|   |   |
|---|---|
| Plantáda pela Mão do Omnipotente,           | 1. Plantado pela mão (...)                  |
| Já o Anjo Tutellar reconduzindo             | 2. Já (...) tutelar (...)                   |
| Mas já na Habitação do eterno dánno,        | 3. (...) lá (...) damno,                    |
| Eia, lhes diz, briózos Companheiros!        | 4. Eia! (...)                               |
| Os olhos levantai, vede essas Féras,        | 5. (...) feras,                             |
| Hide pois precaver a contingencia;          | 6. Ide (...)                                |
| Qual de Etna, ou de Vezuvio vasta estranha, | 7. (...) do Etna, ou do (...)               |
| Do Imperio assim das Trévas vai sahindo,    | 8. (...) imperio (...) trevas, (...)        |
| Em Sonhos, em Vizoens, Auguro insáno,       | 9. Em sonhos, em visões, auguro insano,     |
| Outros, da Ley os boms, Santos Preceitos,   | 10. Outros da lei os bons santos preceitos, |
| Ja afflictos, pensativos, despertando,      | 11. Afflictos, (...) despertando,           |
| Inspira a todos novo ardor, dezêjo,         | 12. (...) ardor, desejo                     |
| Não se encaminha mais velóz a balla,        | 13. (...) veloz a bala,                     |
| Rége o Curso, quem rége os Elementos        | 14. Rege o curso quem rege os elementos;    |
| Mais festejádo, que da vez primeira,        | 15. (...) festejada que (...),              |
| Héra do Sexto Méz, o nono dia,              | 16. Era do sexto mez o (...),               |
| Ja lá o Anjo da Paz, resplandecente,        | 17. Já (...) da paz resplandecente          |
| De alto Misterio executor condigno,         | 18. Do ministerio o executor condigno       |
| Pio promóve, vé; gostózo assiste            | 19. (...) promove, vê, gostoso (...)        |
| No Templo de Maria renascidos,              | 20. No templo (...) renascidos              |
| Do Omnipotente, a Santa Providencia,        | 21. Do Piuriny desce Amanã nos lagos;       |
| Sobre principios taes; tal esperança,       | 22. (...) taes, tal esperança               |

## ANEXO 3

O substantivo *Mura* [\*] e o emprego como adjetivo

| isolado                                       | antes   | depois                     | meio                |
|---|---|----------------------------|---------------------|
| *   | feroz * 1 <sup>o</sup> : 9 e 5 <sup>o</sup> : 3 | * atento                   | indômito * fatigado |
| Arg. C: 1 <sup>o</sup>                        | 1 <sup>o</sup> : 9 e 5 <sup>o</sup> : 3         | Arg. C: 3 <sup>o</sup>     | 2 <sup>o</sup> : 9  |
| *   | feliz *   | * venturoso                |                     |
| Arg. C: 2 <sup>o</sup> , 14, 17, 20, 22       | Arg. C: 2 <sup>o</sup>                          | 3 <sup>o</sup> : 3         |                     |
| *   | bárbaros *                                      | * forte                    |                     |
| 3 <sup>o</sup> : 6 e 9                        | 2 <sup>o</sup> : 3                              | 3 <sup>o</sup> : 11 e 18   |                     |
| *   | indômito *                                      | * incauto                  |                     |
| 4 <sup>o</sup> : 2, 8, 9, 11, 14, 18, 20 e 22 | 5 <sup>o</sup> : 9                              | 3 <sup>o</sup> : 20        |                     |
| *   | descuidados *                                   | * valerosos                |                     |
| 6 <sup>o</sup> : 12, 17 e 22                  | 6 <sup>o</sup> : 9                              | 4 <sup>o</sup> : 10        |                     |
|   |   | * amigo                    |                     |
|   |   | Arg. C: 5 <sup>o</sup> e 9 |                     |
|   |   | * invicto                  |                     |
|   |   | 5 <sup>o</sup> : 11        |                     |

Adjetivo *mura/s* [\*]

| singular                                |                     | plural                      |  |
|---|---------------------|-----------------------------|--|
| antes                                   | depois              | sempre antes do substantivo |  |
| * gente                                 | inquilino *         | * deputados                 |  |
| 4 <sup>o</sup> : 6, Arg. 6 <sup>o</sup> | 5 <sup>o</sup> : 15 | 5 <sup>a</sup> : 14         |  |
|   |                     | * viajantes                 |  |
|   |                     | 6 <sup>o</sup> : 2          |  |